

NÃO HÁ FRONTEIRA QUE NÃO SE ULTRAPASSE¹

BÁRBARA BRAGATO TRADUZ
ÉDOUARD GLISSANT

Édouard Glissant, romancista, filósofo e ensaísta. Nasceu em Sainte-Marie, na Martinica, em 1928, e morreu em Paris, França, em 3 de fevereiro de 2011. Em outubro de 2006, publicou *Une nouvelle région du monde* (Gallimard), um livro sobre estética do qual este texto se inspira.

Bárbara Bragato (1993) é artista visual, pesquisadora e tradutora, baseada entre o Brasil e a França. É mestre em Cinema e Audiovisual pela Universidade Paris 3 – Sorbonne Nouvelle, com intercâmbio na Stockholm University e na Università Ca' Foscari di Venezia, e graduada em Artes Plásticas (Esthétique et Sciences de l'Art) pela Universidade Paris 1 – Panthéon-Sorbonne.

1 Édouard Glissant, « *Il n'est frontière qu'on n'outrepasse* », Le Monde diplomatique, vol. 631, nº 10, 2006, p.16-17.

Em artigo publicado por Édouard Glissant no *Le Monde diplomatique* em 2006, o filósofo e poeta afirma que frequentar as fronteiras é condição para o exercício da passagem do mesmo ao outro. Para ele, a fronteira não deve ser objeto de coerção, mas espaço de travessia: é ao atravessá-la que reconhecemos as diferenças, fazemos emergir a Relação entre identidades individuais e coletivas e, assim, nos transformamos.

édouard
glissant,
fronteiras,
relação,
passagem,
portos,
diferença.

Não há fronteira que não se ultrapasse

Na ausência de montanhas ou de mares, o homem inventou todas as formas de fronteiras para se proteger do Outro: grades, arames farpados, muros, barreiras elétricas, etc. Nenhuma, no entanto, resistiu à irreprimível vontade — ou necessidade — de ir além. Filho da Martinica, cuja identidade sempre defendeu, o romancista Édouard Glissant milita pelo direito dos povos. Sua escrita se encontra aqui com esta série fotográfica de Anabell Guerrero, fascinada pelas Wayuu, essas mulheres que vivem entre a Colômbia e a Venezuela.

Nós frequentamos as fronteiras, não como sinais e fatores do impossível, mas como lugares de passagem e de transformação. Na Relação, a influência mútua das identidades, individuais e coletivas, requer uma autonomia real de cada uma das identidades. A Relação não é confusão ou diluição. *Eu posso mudar ao trocar com o outro, sem, contudo, me perder ou me desnaturar.* É por isso que precisamos de fronteiras, não mais para nos deter, mas para exercer essa livre passagem do mesmo ao outro, para sublinhar a maravilha do aqui-lá.

A faculdade de transformar em lugares de promessa nossos lugares de sofrimentos ou de derrotas, ainda que fosse muito fácil nos substituir por aqueles que realmente sofreram a derrota e as lágrimas, nos permitirá atravessar a fronteira junto aos lugares onde outras humanidades sofreram e perduraram, e conceber esses lugares em elogio e esplendor. Quanto às fronteiras legais entre as comunidades, observemos o quanto é agradável deixá-las sem restrição, sem medida, continuar naturalmente da atmosfera do Marrocos à atmosfera da Argélia, e desse viver-França a esse viver-Espanha, e do ar que se respira na Saboia ao ar que se respira na Toscana (“Será que ainda está longe, a Toscana?”), e dos desertos azuis do Peru aos desertos ocre do Chile, você se sente leve com uma vestimenta inaudita, tomado por um apetite antigo pelo que vai suceder, a fronteira é esse convite para degustar as diferenças, e todo um prazer de variar, mas voltemos em seguida a todos aqueles que não dispõem de tal tempo livre, os imigrantes interditos, e concebamos o peso terrível dessa interdição. Atravessar a fronteira é um privilégio do qual ninguém deveria ser privado, sob qualquer razão que seja. Só existe fronteira para essa plenitude, enfim, de ultrapassá-la, e *através dela* compartilharmos a todo fôlego as diferenças. A obrigação de ser compelido a atravessar qualquer fronteira que seja, sob o impulso da miséria, é tão escandalosa quanto os fundamentos da miséria.

Após a longa peripécia da caça aos emigrantes clandestinos na Europa, Reino Unido, França, Espanha e Itália, e os menores principados mobilizados, um desses canais de televisão mostra no início de 2006 alguns desses clandestinos reconduzidos à força ao Mali, onde um deles realiza uma instalação destinada às crianças do local, em pleno deserto ou em pleno terreno baldio, para lhes ensinar o que é uma tentativa de passagem através de uma barragem de fronteira, é uma grade plantada lá, toda desengonçada, daquelas que servem antes para sinalizar do que para proteger um jardim, pontuada por silhuetas como moscas, que parecem comidas pela grade, e todas as minúsculas feridas rasgadas, que tentam escalar esse infinito, a câmera volteia, dessa areia ao redor aos rostos das crianças, à gesticulação tranquila do demonstrador. Eu gostaria de ter visto mais de perto e por tempo suficiente tal obra, de arte e de rigorosa história, mas essa câmera divaga, vacila, as câmeras nem sempre são equipadas para surpreender o *traço magnético* nem a força elementar e a convivência. Uma instalação que não é uma, a grade soluça no vento ardente, certamente não é uma arte literal, que enfim abre esse espaço ao redor e que se entrega ao efêmero e à *desordem calculada* de todos os sangues sob o sol. E o ilustrador confirma calmamente, não mais para as crianças que já sabem de tudo isso, mas diretamente para a câmera, que ele recomeçará, e que ele não pode mais voltar a seu vilarejo com as mãos vazias, e que tentará de novo, e que nunca terá medo de morrer, e que, enfim, as cercas de arame farpado cravadas de carnes humanas não são invencíveis.

É por isso que os Portos, negreiros ou não, nos comovem tanto: e também as grutas e as cavernas e as celas e os afastamentos e os confinamentos irreparáveis, os lugares que você sofre e os lugares que você ignora, os inumeráveis e os excepcionais, Auschwitz e o incomunicável, Gorée, Ilha Robben, o Forte de Joux, e a gruta de Tjibaou, São Pedro da Martinica e todos os vulcões das Américas, Rapa Nui no centro do inconcebível, Matouba em cinzas, a Plantação cercada de canas, Cartago e o sal negro, e o ventre desses navios negreiros, as gabelas e o sal vermelho, e Hiroshima e Nagasaki, o acampamento de Abd El-Kader, e a Grande Muralha tão longa para alcançar e terminar, e a cela de Sócrates, e a biblioteca de Tombuctu, Nova Orleans e seus Katrinas de água desde sempre, os pesticidas contaminando os infinitos das bananas, e o vulcão de Empédocles, as favelas que se amontoam umas sobre as outras por todo o mundo, o Tráfico sob as luzes do Saara e dos desertos do Leste, e o garrote de Atahualpa, Circe no buraco tenebroso do esquecimento, e Lisboa e São Francisco e esses tremores, a Atlântida, Bagdá, o Estige, e, para mim, a agonia do rio Lézarde. Mas não importa o que você diga, você nunca chegará ao fim da rota. De algum modo, um Porto é uma caverna, com seus fundos e sua garganta. Não há nenhum lugar tão perto nem tão distante de você quanto um Porto, a não ser um rochedo ou um rastro de rochas no mar, ou um gulag no fim de um campo de neve, num continente intransponível, ou uma mina de ouro a céu aberto no Brasil. E então, por que você quer impor a

memória àqueles que esqueceram, se você mesmo não tem o fôlego de entrar e percorrer a gruta que nos é comum, ou a bondade inocente de vasculhar ao longe, e as memórias se compartilham como um rizoma. Os Portos são as fronteiras abertas do imaginário.

Esses Portos, e essas fronteiras, os istmos, as passagens, os estreitos, os deltas, nós os estimamos guardados por gigantes, nas lendas e nas geografias do sonho, pois o gigante vê dos dois lados da linha do cruzamento, ele concebe ao mesmo tempo a identidade daqui e a identidade de lá, ele concebe sua necessária aliança, ao mesmo tempo que preserva sua necessária particularidade. Na maior parte das mitologias populares, o gigante é bom, pois ele pode tudo *compreender*, dos dois lados da fronteira. Assim são os personagens criados por Anabell Guerrero. Eles tecem e tateiam os detalhes de sua vida de todos os dias, e os olham de longe, por cima da barreira ou da grade ou da barragem de fronteira. Não são os notáveis marcadores de uma imensidão, mas os condutores da Relação.